



O Groupe μ . Quarenta anos de retórica. Trinta e três anos de semiótica visual.*

Maria Giulia Dondero **

Göran Sonesson ***

Resumo: Uma breve caracterização da semiótica visual do Groupe μ é apresentada juntamente com seus desdobramentos mais marcantes. Em seguida, seis artigos e uma entrevista são comentados, todos integrantes do evento em homenagem ao Groupe “O Groupe μ . Quarenta anos de retórica – Trinta e três anos de semiótica visual”. São eles: “Retórica do ponto de vista do mundo da vida”, de Göran Sonesson; “A semiótica visual entre princípios gerais e especificidades. A partir do Grupo μ ”, de Maria Giulia Dondero; “Imagem de... Entre indivíduo e categoria, da lógica à retórica”, de Odile Le Guern; “A figura, o fundo, o abismo: Em homenagem ao Groupe μ ”, de Anne Beyaert-Geslin; “Groupe μ e ‘o Sistema da Forma Plástica’ – para uma avaliação” de Fred Andersson e “Cinco Perguntas a Francis Edeline e Jean-Marie Klinkenberg”; “Sobre o Tratado do signo visual: uma observação e duas questões”, de Georges Roque.

Palavras-chave: Groupe μ , Semiótica visual, Retórica visual, Tratado do signo visual

Introdução

O encontro do *Groupe μ* com a semiótica visual (ao menos, de forma pública) pode ser datado de maneira precisa: em 1976, o célebre grupo publica sua primeira tentativa de aplicar a *retórica geral* aos meios visuais de significação. Nesse artigo, que trata quase exclusivamente de apenas uma imagem – algo bastante raro nos trabalhos do grupo –, a “gafeteira” [chafetière], de Julien Key (Fig. 1)¹, eles se perguntam se, numa imagem como essa, que reúne numa só forma tanto os traços que caracterizam um gato quanto os que são próprios a uma cafeteira, é possível encontrar o equivalente de uma metáfora no domínio verbal. A resposta é dada pela sequência de trabalhos que culminam no *Traité du signe visuel* [Tratado do Signo Visual], em 1992: é necessário abandonar esse tipo de metáforas verbais exemplificadas pela própria metáfora (bem como pela metonímia, pela sinédoque, e assim por diante) e reformular todo o sistema de categorias retóricas, para nelas incluir a visualidade. Se antes era possível contentar-se com a oposição entre as figuras ausentes

e as figuras presentes, agora seria necessário proceder a uma classificação cruzada de propriedades ausentes e presentes, bem como das propriedades disjuntas e conjuntas, considerando ao mesmo tempo as camadas plásticas e icônicas e suas combinações.

Esse acontecimento é importante na (curta) história da semiótica visual. Se Roland Barthes proclamou a dependência total da imagem em relação à língua, e se René Lindeken, que compreendia melhor o que a semiose da imagem tinha de específico, não conseguiu muito se fazer entender, Jean-Marie Floch e Félix Thürlemann, cujas análises particulares das imagens trouxeram conhecimentos importantes, proclamaram a não-existência de uma especificidade da imagem.

Assim sendo, foi no seio das preocupações com a retórica visual que nasceu uma verdadeira semiótica das imagens: para dar conta dos desvios, que produzem os efeitos retóricos, é preciso voltar-se para as regras gerais que tornam tais desvios retóricos. Na tradição inspirada nos grandes tratados consagrados à classificação de figuras, tendo esta dominado a retórica durante os últimos quinhentos anos, de Ramus a

* Publicado on-line em francês em 29 janeiro de 2010 sob o título “Le Groupe μ . Quarante ans de rhétorique – Trente-trois ans de sémiotique visuelle : introduction”. Disponível em <http://epublications.unilim.fr/revues/as/3070>. Texto integral.

** Fundo Nacional da Pesquisa Científica (*Fonds National de la Recherche Scientifique*) – Universidade de Liège (ULG). Endereço para correspondência: (mariagiulia.dondero@ulg.ac.be).

*** Centro de Semiótica Cognitiva (Centre de sémiotique cognitive), Universidade de Lund. Endereço para correspondência: (goran.sonesson@semiotik.lu.se).

¹ N. do T.: imagem acrescentada pelo tradutor, com concordância dos autores.

Fontanier, a ruptura da norma definiu a substância da retórica. Logo, para estudar os desvios, é preciso conhecer bem as normas.

Sem dúvida esta última observação levou o *Groupe μ* a conceber um projeto que antes não se imaginaria, evidentemente impossível de conceber do ponto de vista da única área que se ocupava das imagens até então, a história da arte. Tal projeto consistia em encontrar as regras que orientavam as organizações das imagens. A maior parte do *Tratado* é de fato con-

sagrada às determinações das regras válidas para todo e qualquer tipo de imagens. Floch, e, com ele, toda a escola de Greimas, negou a possibilidade de encontrar uma especificidade da imagem. O que a análise pode determinar, segundo Floch, é, num extremo, o que é particular à obra analisada e, no outro, regras comuns a todo tipo de produções de significação. Já a Escola do Québec, ao mesmo tempo em que propõe uma multiplicidade de esquemas muito gerais, parece também colocar em evidência o caso particular.

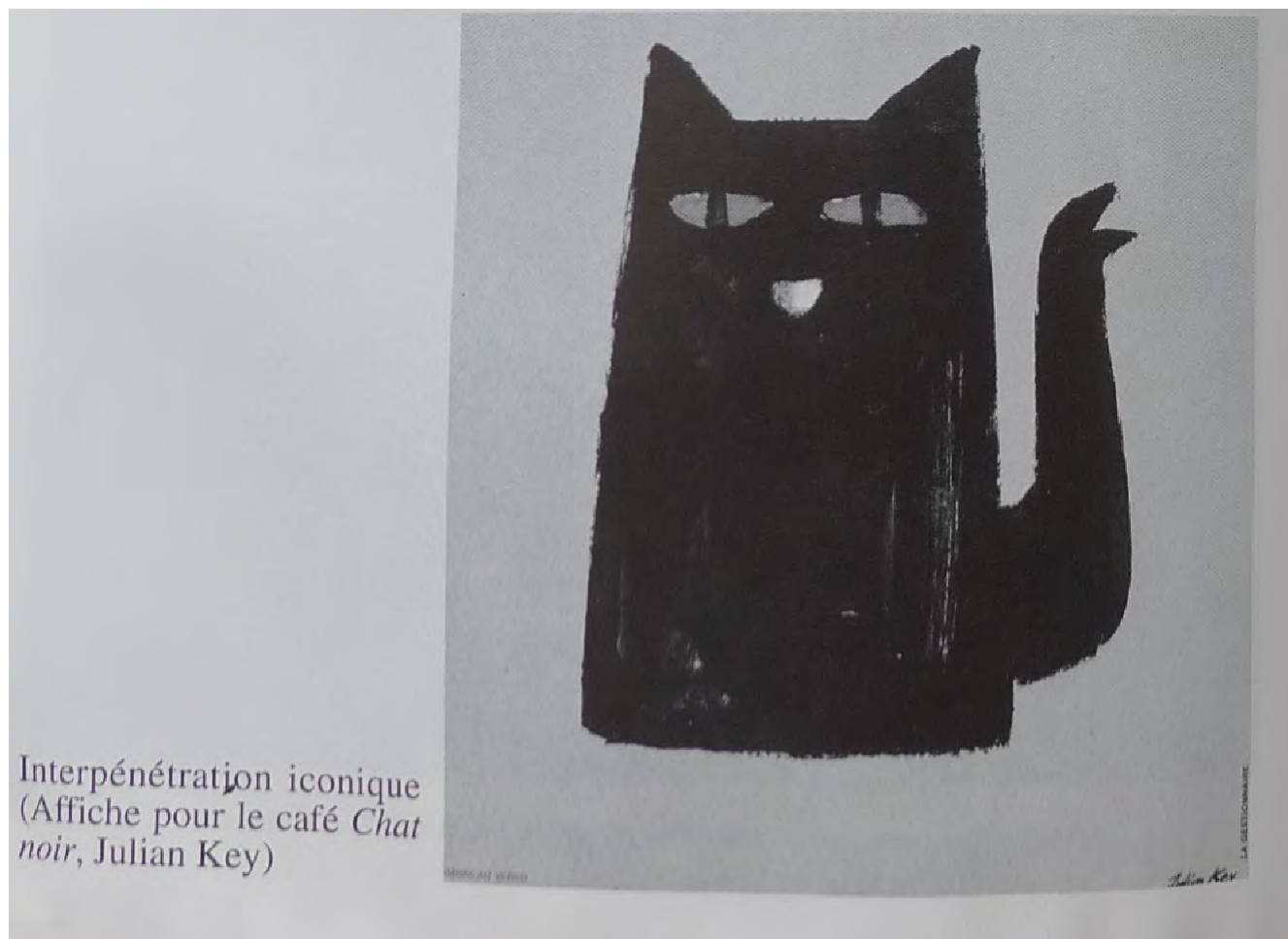


Figura 1: *Chafetière*, de Julien Key.

Alguns pensadores de tendência mais filosófica, mais avessos à iconicidade da imagem e não preocupados com as imagens particulares, tais como Umberto Eco e Nelson Goodman, quiseram observar, no seio da produção das imagens, regras mais ou menos gerais – na realidade, convenções. Tais regras, porém, ou não são específicas da imagem, mas determinam ao menos também os mundos socioculturais em que essas imagens são criadas ou experimentadas,

ou devem ser inventadas *ad hoc* para cada imagem particular. É idêntico a dizer que regras gerais apropriadas para orientar a criação das imagens não são possíveis como regras de combinações das unidades pré-determinadas. Elas podem somente ser concebidas como transformações a partir da realidade dada pela percepção.

É importante também notar a originalidade metodológica dos trabalhos do *Groupe μ* . Enquanto Floch,

Thürlemann, Saint-Martin, Carani e seus adeptos procedem por análise detalhada de uma obra após a outra, e enquanto Eco, por exemplo, consagra-se a reflexões muito gerais, o *Groupe μ* tem como ponto de partida uma tabela definida por propriedades cruzadas, cujas células são preenchidas com exemplos concretos das imagens. A única exceção dessa metodologia, depois da “*gafeteira*”, parece ter sido a análise de *Sem Título*, de Rothko², no volume em que o estudo da mesma obra é também realizado por representantes da Escola de Paris, da Escola do Québec e da Escola de Lund – segundo a terminologia utilizada por Fernande Saint-Martin em sua introdução ao volume.

Para dizer a verdade, talvez o *Groupe μ* não tenha propriamente formado uma escola, no sentido em que esse termo se aplica à corrente greimasiana. Seria possível dizer, de forma mais justificada, que o *Groupe μ* adquiriu certo número de “companheiros de estrada”. Alguns deles estão representados no presente volume. Assim, foi sem dúvida por conta de seu grande interesse teórico que a concepção do *Groupe μ* chamou a atenção, mais que a Escola de Greimas, também dos teóricos da semiótica que não são nem francófonos nem hispanófonos. Essa concepção, apesar da barreira da linguagem, teve uma grande importância, sobretudo no norte da Europa. O modelo do signo icônico proposto pelo *Groupe μ* é o tema do livro do alemão Bórries Blanke (2003) sobre a semiótica das imagens. Na Dinamarca, Frederik Stjernfelt (2007) inspirou-se em vários aspectos da teoria do *Groupe μ* ao propor, na esteira de Husserl e de Peirce, o diagrama como um caminho fundamental para o conhecimento, insistindo principalmente nas transformações propostas pelo *Groupe μ* . Na Dinamarca também foi escrita, até onde sabemos, a única tese de doutorado, de Andreas Brøgger, que trata exclusivamente da exposição e da crítica da teoria retórica do *Groupe μ* . Na Suécia, num manual escrito por Göran Sonesson em 1992 e utilizado nos países nórdicos como uma introdução à semiótica visual, uma parte significativa é consagrada à retórica do *Groupe μ* . Dentre os membros do grupo de pesquisa de semiótica reunido em torno de Sonesson na universidade de Lund, numerosos foram aqueles que, de uma maneira mais ou menos importante, inspiraram-se nas teorias do *Groupe μ* , propondo modificações e/ou desenvolvimentos: além do próprio Sonesson, podem ser mencionados Anders Marner, Hans Sternudd, Fred Andersson e Sara Lenninger. Lamentamos o fato de, por razões diversas, somente Sonesson ter podido participar do colóquio *Le Groupe μ : Quarante ans de recherche collective* [O *Groupe μ* : Quarenta anos de pesquisa coletiva], que aconteceu em Liège em 11 e 12 de abril de 2008, e somente Andersson, ao lado de Sonesson, esteve em

condições de dar uma contribuição a esta compilação cujos artigos apresentamos a seguir.

O artigo de Sonesson *Rhetoric from the standpoint of the Lifeworld* [Retórica do ponto de vista do mundo da vida], partindo da retórica visual do *Groupe μ* , assim como da noção de mundo sensível emprestada à fenomenologia husserliana, afirma que, contrariamente aos signos verbais, as imagens são imediatamente retóricas, porque oferecem ao mesmo tempo sua similitude e sua diferença com relação ao mundo da percepção. Sonesson propõe, conseqüentemente, uma visão da retórica que leva em conta de maneira mais determinante as estruturas da percepção, tais como se apresentam para o senso comum, até mesmo sobre-determinados pelos mundos sensíveis socioculturais específicos. Com essa finalidade, ele concebe quatro dimensões da retórica da imagem: as primeiras duas visam a “fenomenologizar” as categorizações retóricas. A dimensão primária, a indexabilidade, deriva sua significação de um distanciamento da integração relativa das vizinhanças icônicas e/ou plásticas e a segunda, a iconicidade, é fundamentada na espera de uma diferenciação relativa dos objetos do mundo. A introdução das duas outras dimensões, uma que depende do caráter fictício da imagem enquanto signo e outra que se refere à imagem enquanto objeto social – a imagem é interpretável a partir de sua construção, circulação e função –, serve para justificar uma retórica da imagem que considera as diferenças socioculturais de sua produção e de sua recepção, levando, assim, mais adiante a visada pragmática da semiótica do *Groupe μ* .

O artigo de Fred Andersson *Groupe μ and “The System of Plastic Form” - for an evaluation* [*Groupe μ* e “o Sistema da Forma Plástica” – para uma avaliação], que focaliza a reflexão em categorias plásticas, propõe a utilização dessas categorias não somente nos campos das imagens artísticas, mas também nos dos objetos e da experiência cotidiana. Com esse fim, o autor esclarece o lugar da semiótica plástica não somente para a teoria geral do signo visual articulado pelo *Groupe μ* em seu *Tratado* (1992), mas também em comparação com noções estéticas tais como forma/formação visual, e com noções semióticas, tais como foram desenvolvidas por Hjelmslev. Nesse sentido, essa investigação mostra como a teoria do signo visual é hoje de grande valor não somente no seio da disciplina, mas também nos meios da comunicação e da pedagogia. O artigo de Odile le Guern *Image de. . . Entre individu et catégorie, de la logique à la rhétorique* [Imagem de. . . Entre indivíduo e categoria, da lógica à retórica] retoma dois fios condutores das pesquisas do *Groupe μ* : a relação entre imagem e texto verbal, mais especificamente o caixilho descritivo dos quadros, e a relação entre ocorrência

² <http://cache2.allpostersimages.com/p/LRG/17/1704/2IM1D00Z/posters/rothko-mark-sem-titulo-violeta-preto-laranja-amarelo-sobre-branco-e-vermelho-1949.jpg>

visual e tipo icônico. A autora mostra como um retrato pode remeter a uma generalidade, se a legenda que o acompanha valoriza uma relação icônica de semelhança feita da soma das similaridades que aproximam o sujeito representado dos outros indivíduos da mesma classe e, ao contrário, como ele pode remeter à soma das diferenças do sujeito representado com os outros indivíduos, se a legenda valoriza uma relação indicial. O artigo coloca em relação os signos linguísticos do nome comum e do nome próprio com duas leituras diferentes da imagem, que colocam em jogo não somente referentes distintos, mas também uma leitura diferente dos objetos representados no quadro.

No artigo *La sémiotique visuelle entre principes généraux et spécificités À partir du Groupe μ* [A semiótica visual entre princípios gerais e especificidades. A partir do Grupo μ], Maria Giulia Dondero compara a semiótica visual do *Groupe μ* à de Jean-Marie Floch, partindo das exigências e das orientações da semiótica geral atual – principalmente a semiótica da impressão e a semiótica das práticas de Jacques Fontanille, assim como a semiótica das culturas de François Rastier –, até mesmo o questionamento da relação entre texto, prática e percepção. Esse artigo valoriza o caráter preconizante de algumas teorizações do *Groupe μ* no que diz respeito à possibilidade de tratar de maneira semiótica a questão midiática, que foi, por muito tempo, recusada por grande parte da semiótica visual. O artigo articula a questão da “tensão entre generalidade e transferibilidade dos conceitos de uma linguagem à outra, de um lado, e a consideração das especificidades de cada linguagem, de outro” (p. 49). No centro das preciosas reflexões do *Groupe μ* em torno do dado visual provindo das diferentes técnicas e práticas de produção, Dondero identifica na teoria da textura, que articula as noções de suporte e de gesto de inscrição, assim como de temporalidade da instanciação e da recepção, um dos conceitos operacionais mais preciosos para os avanços da semiótica geral.

Os artigos dos demais colaboradores do número aperfeiçoam as categorizações propostas nos anos 1990 no *Tratado do Signo Visual*, colocando-as à prova por textos visuais “resistentes”. Especialista em teorização da relação entre textura e matéria, sobre a qual ela discorre aqui, Anne Beyaert-Geslin, no artigo *La figure, le fond, le gouffre (En hommage au Groupe μ)* [A figura, o fundo, o abismo: Em homenagem ao *Groupe μ*], valoriza também o alcance das teorizações do *Groupe μ* que colocam a percepção entre as ações que permitem a constituição das categorias analíticas da imagem. Ela mostra como a noção de “decisão” utilizada pelo *Groupe μ* no *Tratado* é essencial para a compreensão da constituição da relação figura/fundo, por tornar semioticamente pertinente o papel do observador que, por uma estratégia alternativa da percepção, decide o *status* de figura ou de fundo dos traços visuais. E é justamente pela decisão perceptiva que

“estímulos serão identificados a uma textura, a uma figura ou a uma escritura segundo o caso” (p. 66) e, em seguida, a decisão semântica distribuirá os valores. Como a semiótica de inspiração greimasiana sempre quis, a análise de Beyaert-Geslin permite a confrontação entre uma teoria geral e casos historicamente atestados que poderiam ser definidos como exemplares de uma excentricidade (Matisse, Dubuffet, Giacometti) e que colocam problemas para a teoria geral, fazendo-a avançar por distanciamentos progressivos.

O artigo de Georges Roque *A propos du Traité du signe visuel : une remarque et deux questions* [Sobre o *Tratado do signo visual*: uma observação e duas questões] se coloca na mesma perspectiva que o de Beyaert-Geslin, em dois sentidos: primeiramente, porque o objetivo é estudar, em duas obras, a abordagem que o *Tratado* propõe, apresentado as vantagens e dificuldades encontradas e, em seguida, porque a distinção entre signo icônico e signo plástico e o tipo de atenção perceptiva e culturalmente orientada levada às configurações visuais podem determinar a escolha de uma leitura plástica ou icônica. Seu estudo sobre a interação iconoplástica visa principalmente estudar como dar conta de um significado completamente plástico que não se apoia num significado icônico. Mas este é, aliás, valorizado por Roque não somente enquanto remissão a um referente ou a um tipo – como faz o *Groupe μ* –, mas enquanto dispositivo dependente das significações iconográficas e iconológicas de que não se pode prescindir na análise de uma imagem. É também fundamental sua contribuição para uma semiótica do pigmento, que permitiria tratar as características materiais das cores, complementando as teorizações sobre o tom, o brilho e a saturação.

Em anexo, publicamos um texto que trata da influência do *Groupe μ* em geral, para além da retórica visual. Em *Cinco Perguntas* para Francis Edeline e Jean-Marie Klinkenberg [texto já publicado em inglês em *Signs and Meaning: Five Questions*, Peer F. Bundgaard & Frederik Stjernfelt (Orgs.), Nova York, Automatic Press/VIP, 2009, e aqui disponível para o público lusófono em tradução a partir da versão francesa], percebe-se seu percurso no seio das Ciências da Linguagem, da Linguística Estrutural à Semiótica Visual, passando pela Retórica Geral, descrito por eles mesmos. Essas respostas são também uma avaliação da situação atual da semiótica, de suas relações com as outras ciências humanas e de alguns cruzamentos possíveis com as ciências duras, sobretudo no que diz respeito ao procedimento descritivo que nossa disciplina pode lhes oferecer.

Nosso percurso, que começa em Liège e que passa pelo Norte da Europa e pela França, retorna, assim, à Bélgica, e mais precisamente a Liège. No conjunto, este volume é um testemunho da importância da contribuição científica do *Groupe μ* , tanto em nível internacional quanto na própria Bélgica. ●

Dados para indexação em língua estrangeira

Dondero, Maria Giulia; Sonesson, Göran,
Le Groupe μ . Quarante ans de rhétorique – Trente-trois ans de sémiotique visuelle
Estudos Semióticos, vol. 11, Dossiê Especial Groupe μ (2015)
ISSN 1980-4016

Résumé: *La sémiotique visuelle du Groupe μ est, dans ce texte, brièvement présentée avec ses principaux déploiements. Par la suite, six articles et un entretien réalisé au cours du Colloque « Le Groupe μ . Quarante ans de rhétorique – Trente-trois ans de sémiotique visuelle » sont passés en revue. Il s’agit de : « Rhetoric from the standpoint of the Lifeworld », par Göran Sonesson ; « La sémiotique visuelle entre principes généraux et spécificités. A partir du Groupe μ », par Maria Giulia Dondero ; « Image de . . . Entre individu et catégorie, de la logique à la rhétorique », par Odile Le Guern ; « La figure, le fond, le gouffre (En hommage au Groupe μ) », par Anne Beyaert-Geslin ; « Groupe μ and ‘the system of plastic form’ - for an evaluation » par Fred Andersson, « Cinq Questions à Francis Edeline et Jean-Marie Klinkenberg » ; et « A propos du Traité du signe visuel : une remarque et deux questions », par Georges Roque.*

Mots-clés: *Groupe μ , Sémiotique visuelle, Rhétorique visuelle, Traité du signe visuel*

Como citar este artigo

Dondero, Maria Giulia. O Grupo μ . Quarenta anos de retórica – Trinta e três anos de semiótica visual. Introdução. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: (<http://revistas.usp.br/esse>). Editoras convidadas responsáveis pelo dossiê: Elizabeth Harkot-de-La-Taille e Adriana Zavaglia. Dossiê Especial Groupe μ , São Paulo, Dezembro de 2015, p. 18-21. Acesso em “dia/mês/ano”.

Data de recebimento do artigo: 01/09/2015

Data de sua aprovação: 18/12/2015
